



Robert Macfarlane
“O solo continua a ser algo misterioso, mas crucial”

P12 a 15

Estado Novo Nuno Palma
responde a Fernando Rosas

P10/11



Ltl Acorn 059°F 015°C 03/08/2017 09:41:19

Em Portugal, é no Parque de Montesinho que os lobos mais se sentem em casa P4 a 9

Meio século depois das descolonizações políticas, assistimos a debates em torno da descolonização cultural. Estas disputas originam processos de contestação sobre as formas de reconhecimento do valor cultural de uma miríade de bens, da sua propriedade e tutela, das aspirações envolvidas e das regras para a sua partilha e salvaguarda. É um dos debates políticos com maior potencial transformador da actualidade. Esta série de sete artigos de especialistas nacionais e internacionais revela os porquês

Património ou constrangimento? A identidade conflituosa do templo goês

Série Patrimónios contestados (VII)

O templo goês está a desaparecer a passos largos ao ser substituído por formas arquitetónicas de outras partes da Índia

Por Amita Kankear/The Al-Zulajj Collective

O gosto, ou a opção estética, na arquitetura dos templos em Goa tem vindo a mudar desde o fim da era portuguesa até hoje, o que faz com que o templo goês seja atualmente uma parte do património cultural seriamente ameaçada. Contudo, a perda potencial desta singular arquitetura dos templos não parece preocupar, de forma alguma, os seus patronos; de facto, são eles a força motriz por trás do seu declínio.

No final do século XIX, este santuário hindu dominante em Goa – que seria mais bem identificado como o santuário bramânico de Goa, devido à sua profunda ligação com a propriedade, ritual e práticas bramânicas – conseguiu reunir, num conjunto arquitetónico cosmopolita e original goês, ideias arquitetónicas do barroco europeu (via igrejas goesas), com o sultanato de Bijapur e o com mundo mogol (provavelmente, ambos através dos maratas), juntamente com tradições vernaculares.

Apesar de, *grosso modo*, seguir o traçado básico do templo brâmane do Sul da Ásia com um alpendre de entrada, salão e um santuário colocado ao longo de um eixo, a diferença está nos detalhes. Estes incluem o interior basilical com uma nave central alta, naves laterais baixas, janelas em clerestório e um cruzeiro, à semelhança de uma igreja goesa. A torre tradicional sobre o santuário, coberta por uma cúpula de base em balaustrada, tanto remete para o há muito extinto mundo de Bijapur, como para as cúpulas das igrejas goesas. O tanque com degraus é remanescente das mesquitas goesas da era de Adilshahi; a torre-lanterna de múltiplos andares, com aberturas em arco

em cada nível, é similar às torres das igrejas goesas, que também são reminiscências das torres de Bijapur; os enormes e ornamentadas jarrões *tulas* (vasos de manjerição); dos cruzeiros em frente das igrejas goesas; enquanto o grande portal de entrada é uma *naqqarkhana* (casa do tambor) típica do mundo islâmico (um portal, visto em fortes e palácios islâmicos, e também em templos goeses, em que o piso inferior é observado por uma câmara superior que continha músicos intocáveis, que podiam ser ouvidos, mas não vistos).

Há também as formas de vários elementos: cúpulas, arcos de volta perfeita, as formas dos pilares, pilastras e molduras dos mundos renascentista e barroco europeus; cúpulas, arcos apontados e formas de pilares de Bijapur; os pilares cipreste, arcos trilobados e molduras *guldasta* (bouquet) dos mogóis/maratas; juntamente com os elementos vernaculares como as paredes de barro e laterite, as coberturas inclinadas e telhadas, e muito trabalho de madeira esculpida e pintada nos pilares, tetos e frisos.

“Templo de Goa”

Apesar de a heterogeneidade criativa ser comum na arquitetura dos templos no Sul da Ásia desde o início da Idade Moderna – em particular no que diz respeito à fusão das ideias do mundo islâmico com a da arquitetura dos primeiros templos –, o templo goês continua a sobressair graças às suas ligações com o barroco europeu a partir da igreja goesa. Mesmo as características típicas dos templos assumem aqui formas novas e carismáticas, ao ponto de se tornar um tipo arquitetónico por si.

Contudo, o termo “templo goês” não significa todos os templos de Goa. A região



alberga uma variedade de formas de templos bramânicos, desde os santuários cravados na rocha, do primeiro milénio depois de Cristo, e os construídos em alvenaria, com cerca de mil anos, aos mais recentes. Porém, nem todos os templos existentes atualmente em Goa são necessariamente goeses. Isto porque o nascimento de Goa, enquanto região distinta e coesa, só acontece após a conquista portuguesa em 1510, tendo-se expandindo até alcançar a sua área atual no final do século XVIII. Foi mediante a governação portuguesa que Goa, como a conhecemos hoje, se consolidou, e foi reconhecida como um território distinto por entidades políticas como os mogóis, os maratas e, por fim, os britânicos.

Os templos construídos antes de 1510 pertenceram a várias formações regionais que incluíram partes da Goa atual; por exemplo, o templo Mahadev, em Tambdi Surla, foi construído durante a governação dos Kadambas e, através do seu patrocínio, pertence à família arquitetónica Karnata Dravida (tipo de arquitetura hindu da região de Karnataka).

Assim, quando falamos em “templo de Goa” como um tipo arquitetónico, não nos referimos a todos os templos que existem atualmente em Goa, nem das formas vernaculares que podem ser encontradas com pequenas variações ao longo da costa ocidental da Índia, mas apenas àqueles que são local, cronológica e estilisticamente goeses.

O termo foi inspirado nas ideias de Paulo Varela Gomes em *Whitewash, Red Stone. A history of church architecture in Goa* (2011) sobre a arquitetura da Igreja Católica goesa. O autor destaca que, apesar de a arquitetura desenvolvida para as igrejas em Goa ser comumente designada indo-portuguesa, ou mesmo portuguesa, esta não é nem

indiana nem portuguesa, mas original de Goa e o resultado do desenvolvimento de uma nova comunidade de católicos goeses que quiseram afirmar-se enquanto tal. Algo similar aconteceu no caso do templo goês. A história da sua ascensão e queda é, portanto, também uma história sobre os *mazans/mahajnas* – os administradores tradicionais dos templos, muitos dos quais da casta dominante Saraswat (como vieram a ser chamados no século XIX), que eram vagamente associados à fundação ou serviço, ou doações generosas, mas que se metamorfosearam em donos dos templos no século XIX.

O domínio dos *mazans* também pode ser lido na arquitetura. Há uma hierarquia na forma como o vocabulário arquitetónico – como referido anteriormente – é aplicado, uma vez que o templo é uma assembleia hierárquica de muitos santuários a diferentes divindades. Este não é, por si, um fenómeno único, tendo as igrejas de Goa vários focos, habitualmente organizados por hierarquia. Todavia, aqui as diferentes divindades estão geralmente ligadas a comunidades de casta, por sua vez organizadas numa hierarquia social, política e económica na vida real. Portanto, a arquitetura mais magnífica estava reservada às divindades dos *mazans*, habitualmente das castas dominantes. Proeminentemente, estas divindades estavam abrigadas no setor maior, mais elaborada e de arquitetura mais “goesa”. As divindades secundárias tanto podiam estar em posições menos relevantes dentro do mesmo edifício ou em estruturas menores e frequentemente mais simples (isto é, mais vernáculas) nas proximidades. As divindades mais abaixo na hierarquia – em geral pertencentes às castas consideradas inferiores – estariam em construções

CORTESIA DE MITA KAKODKAR



menores, às vezes completamente vernáculas, ou debaixo de *gomtils* (abrigos minúsculos e baixos), ou ainda ao ar livre.

Um dos exemplos é Maringon, uma importante divindade, segundo vários sacerdotes dos grandes santuários, mas que está sempre localizada num canto distante, num pequeno casebre, simplesmente num *gomtil* ou ainda sem qualquer abrigo. É possível que, por ser associada à comunidade Mahar que costumava ser (e, por vezes, ainda é) tratada como intocável, a divindade seja tratada da mesma forma.

Hierarquias

A hierarquia de castas não é apenas notada dentro de cada complexo de templo, mas também entre os complexos que são detidos apenas por Saraswats (ao contrário da maioria dos outros templos, em que aqueles são proprietários parciais, ou seja, existem outras castas entre os *mazans*), que têm tendência para apresentar a mais elaborada arquitetura goesa. Por exemplo, se olharmos para a incidência das cúpulas nos templos, encontramos a maioria naqueles que são propriedade exclusiva de Saraswats, seguidas por aquelas detidas por Bhats, Ranés e Dessais.

Contudo, em breve poderemos não encontrar nenhuma cúpula goesa nos templos de Goa. Isto porque, embora as fundações dos antigos templos se mantenham juntamente com as novas – não apenas graças à sua inclusão em circuitos turísticos patrocinados pelo governo –, e por atraírem um número cada vez maior de visitantes, a sua arquitetura está a mudar rapidamente.

O que se vê agora é variado, na sua maioria são formas de templo historicistas de outras partes da Ásia do Sul. Na minha pesquisa

Castas dominantes

Salão do templo de Ramnathi, Bandorá. O templo goês foi soberano até 1940, quando a primeira rejeição é notada nos templos de duas das castas dominantes, o Vithal em Carapur (propriedade dos Ranés) e o de Ramnathi em Bandorá (propriedade dos Saraswat)

Existem várias teorias sobre como Goa se poderia ter integrado e como se integrou na Índia. Alguns dizem que foi destacando uma cultura comum, outros que foi apenas através o turismo de massa

sobre os templos pré-1961 em Goa, num total de 248 fundações antigas, quase metade foi completamente renovada, muitas nas últimas duas décadas, enquanto outro terço foi substancialmente alterado. Por outro lado, muitos dos templos ainda relativamente inalterados têm planos de renovação. Por certo não tardará muito para que a heterogeneidade criativa da arquitetura do templo goês passe à história, mesmo que os templos de Goa se tornem réplicas banais dos de fora.

O que a fez cair em grande desgraça? Se olharmos para a cronologia das alterações torna-se fácil de entender. O templo goês parece ter surgido no século XIX – uma época em que os templos ficaram sob o controlo das castas dominantes, especialmente os Saraswats, que estavam a gozar um aumento de sucesso social e político, tanto em Goa como na Índia britânica. O fim daquele século assistiu à ascensão do indo-sarraceno na Índia britânica, o que poderá explicar o islamizado adotado pelos templos goeses. Contudo, as fortes referências à Igreja goesa – e à Europa através dela – dão ênfase, senão orgulho, ao “ser goês”.

O templo goês foi soberano até 1940, quando a primeira rejeição é notada nos templos de duas das castas dominantes, o Vithal em Carapur (propriedade dos Ranés) e o de Ramnathi em Bandorá (propriedade dos Saraswat). Poderá isto estar relacionado com o facto de as ideias do nacionalismo indiano terem entrado em Goa não muito antes? Esta rejeição disseminou-se depois de 1961, quando Goa foi anexada pela Índia, e acelerou-se na década de 1990 com a ascensão ao poder do Hindutva (forma de nacionalismo hindu) do BJP (Bharatiya Janata Party, partido nacionalista indiano, no poder desde 2014). E, enquanto a década

de 1940 viu o templo goês ser substituído pelo indo-sarraceno (ou neomogol) – estilo popular no subcontinente –, depois de 1961 o islâmico desaparece; doravante a inspiração passa a ser os templos hindus.

Na década de 1990, com a ascensão da política hindu, a reconstrução maciça dirigiu-se aos grandes templos, da forma mais aparatosa e grandiosa quanto possível. Todavia, este período foi também o início do turismo de massa indiano em Goa, atualmente na berra como o paraíso europeu na Índia. A propaganda inclui a arquitetura “indo-portuguesa”, o que resultou no retorno dos elementos do templo goês, especialmente cúpulas e coberturas telhadas, ainda que estes sejam comumente inspirados pelos monumentos budistas e pala arquitetura do Malabar, respetivamente. A nova arquitetura do templo é agora, portanto, uma espetacular mistura híbrida de antigas formas dos templos indianos, habitualmente combinados com cúpulas – mas nenhuma pertencente ao vasto repertório goês.

Goa na Índia

Podemos relacionar o desaparecimento do templo goês com o desenvolvimento da relação de Goa com a Índia e também com a natureza do nacionalismo indiano; ambos resultaram na mudança de identidade do goês hindu. Como outros destacaram, o nacionalismo indiano é um nacionalismo cultural, que defende o hinduísmo ou o bramanismo, e particularmente a cultura das castas hindus dominantes. Assim, o verdadeiro nacionalista é aquele que defende o hinduísmo, enquanto os templos hindus não são mais do que símbolos nacionalistas. Contudo, para isso, precisam de “parecer hindus”. O templo goês tem sido criticado por se “parecer muçulmano/católico” e, por isso, estar longe de ser o ideal. Este é um sério problema, uma vez que estamos a discutir um contexto no qual os próprios goeses hindus – e claramente, ainda mais os não-hindus – são vistos como muito distantes do ideal.

Existem várias teorias sobre como Goa se poderia ter integrado e como se integrou na Índia. Alguns dizem que foi destacando uma cultura comum, outros que foi apenas através o turismo de massa. Pode-se argumentar, no entanto, que foi também através da reinvenção dos goeses hindus, numa imagem e identidade aceitáveis num contexto indiano pós-1961, uma reinvenção que envolve também os seus templos.

É notável que as mudanças arquitetónicas contemporâneas sejam descritas por alguns Mazans como modernização e uma remoção da “antiquada” arquitetura antiga. Este pensamento pareceria ser um contraste direto com a sua atitude perante os seus antigos privilégios de casta, os quais são mantidos na maioria das construções, tanto na hierarquia da arquitetura, como na intocabilidade. Porém, na realidade, como vimos, a nova arquitetura é enfaticamente arcaica na maioria das suas referências. Não há, portanto, nenhuma contradição entre as aspirações arquiteturais e sociais, uma vez que o “novo” não é mais do que o regresso ao mítico, mas glorioso, passado hindu, onde a casta não era vista como um problema.

Historiadora da arquitetura e professora no Colégio de Arquitetura de Goa